

O TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO COM PAIS EM GRUPOS OPERATIVOS

PSYCHOPEDAGOGICAL WORK WITH PARENTS IN OPERATIVE GROUPS

Cristiane Siqueira Santos

Resumo: Este artigo trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa onde o estudo é apresentar um relato de experiência de um grupo operativo, bem como, a aventura de viver o grupo, coordená-lo, observá-lo e provocá-lo para que se possa a conviver e a construir novas relações entre pais e seus filhos, que tem como objetivo, apresentar os resultados parciais de um estudo e de investigar como a técnica de grupo operativo criada por Pichón-Riviére, tendo a perspectiva de atravessar um espaço escolar visando modificar as relações

entre pais e filhos. Com isso, se faz compreender como um grupo operativo pode cooperar e transformar a educação dos filhos. Os resultados mostram que a intervenção grupal é uma estratégia que permitiu abordar as dimensões subjetivas e intersubjetivas dos participantes. O ambiente escolar pode ser entendido como um espaço da diversidade de seres e de pensamentos, onde florescem uma série de questionamentos.

Palavras-chave: Grupos Operativos. Pais e Responsáveis. Edu-

cação

Abstract: This article discusses a research with qualitative approach where the study is to present an account of an experience operating group, shows the adventure of living the group, to coordinate it, observe it and provoke you so that we can learn to live and build new relationships between parents and their children, which aims to present partial results of a study and investigate how the technique of operating group created by Pichón-Rivière, having the prospect of going through a school space in order to modify the relations between parents and children. As specific goal to understand how an operating group may cooperate and transform the education of children. The results show that the group intervention is a strategy that allowed address the subjective and intersubjecti-

ve dimension of the participants.

The school environment can be understood as a space of diversity of beings and of thoughts, where bloom a series of questions.

Keywords: Operating Groups. Parents and guardians. Education

INTRODUÇÃO

O tema proposto para os passos da investigação, a criação de grupos operativos, nasceu das escutas das narrativas de muitos pais e responsáveis sobre os desafios e dificuldades no cotidiano da criação e orientação dos filhos.

Ao pensar em um grupo, normalmente associa-se a ideia que todo ser humano faz parte ao longo da vida. O grupo nos acompanha desde o nascimento com o convívio familiar, depois na escola, nos espaços religiosos,

dentre outros.

A perspectiva destacada no tema aqui proposto que se traduz na criação de um grupo operativo que tem como interesse propiciar passos para que os pais e responsáveis possam criar uma melhor relação na criação dos filhos. Assim, faz-se necessário a criação de um grupo operativo, para que os pais e responsáveis possam compartilhar suas informações e comportamentos.

Para que tal realidade aconteça, é fundamental que o psicopedagogo busque junto ao grupo as suas necessidades e, assim, construa entendimentos e propicie atividades e testes que proporcionam segurança e a restauração da fé.

O trabalho do psicopedagogo nos grupos operativos voltados para os pais e responsáveis, bem como sua atuação no grupo e na escuta dos fatos

relatados pelos pais tendo como objetivo central dessa pesquisa identificar meios de como os trabalhos com a formação de grupos operativos visando à orientação aos pais e responsáveis e como objetivo específico compreender como um grupo operativo pode cooperar e transformar a educação dos filhos.

A fim de cumprir o objetivo proposto e responder a questão problema desse artigo onde foi empregada uma pesquisa bibliográfica relacionada ao tema, para dar embasamento teórico a desta investigação, além da metodologia de revisão em livros, sites e artigos.

GRUPOS OPERATIVOS

Ao referir-se aos estudos da Psicopedagogia, traz para a discussão uma área de estudo que investiga o aprendiz e sua

aprendizagem. E seguindo o âmbito da Psicopedagogia como foco no trabalho em grupo, no grupo e com o grupo, estamos focando a apropriação e a produção do conhecimento no coletivo.

Segundo Freire (2000) ao pensar em um grupo, normalmente associa-se a ideia que todo ser humano faz parte ao logo da vida. O grupo nos acompanha desde o nascimento com o convívio familiar, depois na escola, nos espaços religiosos, dentre outros. Podemos até mesmo ousar e pensar que os seres humanos só existem em função de seus relacionamentos grupais, onde todos desempenham papéis que se mantêm ao longo da vida que não são elaborados conscientemente.

O grupo é o contexto onde se pode reconstruir, avaliar, criar e recriar novos significados e vivenciar fatos através da troca, da identificação e até mesmo dos

insights. Ele funciona como um campo de referências cognitivos e afetivas onde o indivíduo se integra e se reconhece podendo estimular a criticidade e a criatividade, mas também, pode propiciar a timidez e o bloqueio da fala entre os demais.

Além da família, outros grupos começam a fazer parte de nossas vidas. A escola também é fundamental para a evolução psíquica da criança na medida em que é um meio diversificado que oferece novas oportunidades de convivência para ela que ainda tem como única referência a família. A escola também é um meio para a constituição dos grupos que são os iniciadores das práticas sociais (BASTOS, 2010, p. 162).

Um grupo pode ser en-

tendido, como uma formação que alcança um conjunto de diferentes pessoas, cujas relações se fundem numa série de papéis interligados que interagem em prol de criar virtudes de conduta entre seus membros.

Lewin (1988) mostrou que a percepção e a aprendizagem ocorrem na interação de um processo grupal que incluem a formação de normas de comunicação, divisão de tarefas e distribuição de poder e liderança que podem atenuar a aprendizagem a escuta e trocas de conhecimentos.

De acordo com o autor acima a dinâmica grupal acontece num movimento de idas e vindas que transforma todos os envolvidos que nela participam, criando um ponto de partida para mudanças. Criando a possibilidade de novas leituras da realidade que, muitas das vezes afeta o su-

jeito que participa do grupo.

Como Bastos (2010, p. 167) conclui por novas perspectivas e descobertas, outra característica a ser destacada em relação ao grupo, é que este pode ser provocativo com as problematizações que se apresentam construindo processos de escuta, onde todos possam alcançar a sua própria escuta de suas falas que são constantemente provocadas.

Neste sentido, os grupos podem criar e reforçar uma rede de interações entre os indivíduos. A partir destas interações, o sujeito pode referenciar-se no outro, encontrar-se com o outro, diferenciar-se do outro, opor-se a ele e, assim, transformar e ser transformado por este (ibidem, p. 162).

Significados

De acordo com o dicio-

nário a palavra “grupo” significa um conjunto de pessoas ou coisas dispostas formando um todo (AULETTE, 2011). Já a palavra “operativo” tem o significado obras e ações que produzem efeito (Ibidem, 2011). Na junção das duas palavras, encontramos o entendimento de um conjunto de pessoas que agem com o intuito de produzirem alguns efeitos.

Foi Pichon-Riviere um psiquiatra e psicanalista argentino, que construiu na década de 1940, a teoria do grupo operativo. O sistematizador das técnicas dos grupos operativos, em seus escritos que as práticas se iniciaram a partir de uma experiência no Hospital de Las Mercedes, em Buenos Aires, por ocasião de uma greve de enfermeiros. Além disso, inaugurou a partir de suas compreensões uma nova maneira de intervir nos grupos.

Para o criador a técnica

de grupos operativos consiste em um trabalho com diversas pessoas formando um grupo, cujo objetivo principal é o de promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos. Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigativa que pode ser compreendida como uma abertura para as dúvidas e para novas inquietações.

A teoria dá grande importância aos vínculos sociais, que são a base para os processos de comunicação e aprendizagem, considerando que o ser humano é essencialmente um sujeito social. O grupo se põe como uma rede de relações com base em vínculos entre cada componente e todo o grupo e vínculos interpessoais entre os participantes (FERRAZ, 2007, p. 53).

No entendimento de Pereira (2013, p. 23) a atividade de grupo pode fazer com que o homem possa se apropriar da realidade, criando uma perspectiva de conjunto e de apreensão da realidade em um processo de totalização que permite espaços de mudanças e a criação de processos de aprendizagem e de transformação. O grupo ao ser criado pode apresenta-se como instrumento de transformação da realidade, seus componentes podem criar relações que podem se difundir na partilha de objetivos comuns.

De acordo com Barbosa (2009) numa psicopedagogia em grupo objetiva-se proporcionar aos indivíduos participantes aprender a pensar sobre a questão que os atinge ou no tema abordado, visando uma tessitura dos conhecimentos criados em con-

junto, ampliando a aprendizagem para além da dimensão individual, tendo o intuito de aprender e a construir conhecimentos em grupo.

A psicopedagogia no âmbito grupal pode ser realizada com vários grupos (pais, aprendizes, professores e outros) e no âmbito escolar ou clínico.

Segundo Riviere (1998) a psicopedagogia aplicada ao grupo pode ter objetivos diferenciados, como a otimização do processo de aprendizagem, a resolução de conflitos que impedem o conhecimento, servir como instrumento de prevenção das dificuldades de se lidar com algo específico entre outros tantos caminhos e recurso criados em diversas situações.

O autor diz que o trabalho coletivo é importante uma vez que todos os participantes vão se movimentar para realizar

uma tarefa designada, criando espaços para o compartilhamento de erros e acertos que serão canalizados para a resolução de um problema ou de diversos problemas ao mesmo tempo, que passam a ser de todos, porém proporcionando a aprendizagem individual, ou seja, um movimento interno, pessoal que pode ou não ser colocado para todos os membros do grupo.

Assim, se pode entender que o trabalho de um psicopedagogo em grupo é o de coordenar operando de acordo com os objetivos do grupo, as dificuldades, obstáculos, desafios, resistências para darem conta (ou não) da tarefa pretendida.

A técnica de grupos-operativos

Segundo Riviere (1988) a técnica de grupo operativo consiste em um trabalho de gru-

po onde deve haver uma relação dialética entre sujeitos e objetos e não uma visão unilateral, estereotipada e cristalizada, cuja finalidade é a de promover um processo de aprendizagem entre os sujeitos envolvidos.

De acordo com Bleger (1980) é importante ressaltar alguns pontos interessantes relacionados às técnicas de um grupo operativo: como haver discursos entre os membros dos grupos que enfatizam a tarefa descrita e descrevem como algo bastante objetivo. Em contrapartida, pode-se haver um desconforto de algum membro, como se tivessem medo de algo ou também seja difícil da fala. Deve-se haver um incentivo por parte do coordenador para instigá-los á falas.

Segundo o autor estar em tarefa implica seguir o fluxo associativo inconsciente intersubjetivo onde não há uma

A IMPORTÂNCIA DA INTE- RAÇÃO

dissociação entre sentimentos, pensamentos e ações (questos fundamentais para a elaboração psíquica dentro de um trabalho de grupo operativo).

O grupo se integra na teoria e na prática em:

Práxis concreta, que adquire sua força no próprio campo de trabalho, na forma de ganhos determinados que seguem uma espiral dialética (BLEGER, 1980, p. 128).

Assim, nas técnicas de grupos operativos, a função do coordenador, como aquele que pensa junto com o grupo, consiste em poder criar, manter e fomentar a comunicação, através de um desenvolvimento progressivo, na qual entrelaçavam a didática, a aprendizagem, a comunicação e a operatividade.

Para que os grupos operativos possam obter um desempenho importante e significativa se faz necessária uma interação construtiva entre os pais e responsáveis e nada melhor que Henry e Vygotsky que dão uma grande ênfase as interações ao meio social.

Segundo Ferreira (2010) Wallon teve muita contribuição no que se refere a relação cognitiva e afetiva na educação, pois acreditava que são através de transformações mútuas é que ocorre a evolução humana. Para o pesquisador da educação as interações são fundamentais tanto para construção do sujeito como do conhecimento.

Conforme o autor as interações propiciem ao sujeito re-ferenciar-se no Outro, encontrar-

-se com o Outro, diferenciar-se do Outro, opor-se e assim transformar e ser transformado. Como o objetivo dos grupos operativos é fazer com que os pais tragam suas experiências através das escutas faz-se importante a ideia da interação com o outro.

É importante ressaltar que a reciprocidade das interações possibilita entre os integrantes do grupo operativo a partilha de significados, de conhecimentos, transformação nas ações como mudança de hábito e até mesmo na construção e participação ativa na construção social.

Para Pichon Riviere (1998) a mudança que pode ocorrer através das interações é o objetivo primordial de todo grupo operativo, no qual os integrantes possam assumir diferentes papéis e posições, frente as tarefas de grupos.

Nesse sentido, a apren-

dizagem construída nos processos grupais pode criar espaços de elaboração e reelaboração do conhecimento e, ao mesmo tempo, pode abrir caminhos para a interação que estavam bloqueados pelos silêncios não partilhados. Promovendo assim, uma aprendizagem que possa abrir espaços para uma nova relação entre os pais e seus filhos.

O psicopedagogo tem no grupo a tarefa de estimular as convivências para que o intuito de atingir os objetivos propostos possa criar em integrante o alcance de suas necessidades.

No caso de Vygotsky a interação para o pensador é muito importante para o desenvolvimento humano, bem como para o processo de aprendizagem. Um processo de aprendizagem, que não ocorre de maneira isolada e participa de um contexto, para isso, as trocas de informações

constroem o conhecimento, de acordo com o desenvolvimento psicológico e biológico.

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas e de seu arranjo orgânico. As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais de comportamento, surge durante a infância: o uso de instrumentos e a fala humana. Isso, por si só coloca a infância no centro da pré-história e do desenvolvimento cultural (Vygotsky, 1998, p. 61).

Com isso, é possível observar que a interação é fundamental para o desenvolvimento da mente, importante no proces-

so de aprendizagem e consequentemente o aprimoramento de suas estruturas mentais existente desde o nascimento até toda sua vivência.

FAMÍLIA

De acordo com a mensagem do Papa Francisco (VATICANO, 2018) enviada aos participantes do I Congresso Latino-Americano da Pastoral da Família ocorrida no Panamá que diz que família é para além de prementes problemas e necessidades urgentes, é centro de amor, onde o respeito e a comunhão deva reinar.

Diz também que no seio familiar não tem que haver descarte e sim o encontro do diálogo para a abertura de espaços de solidariedade, pois família é a grande riqueza social.

Assim se propõe iniciar

a pesquisa sobre as famílias, ressaltando sua contribuição na formação humana, social e no contexto escolar.

Dentre as cobranças e exigências da escola perante a família e tendo o núcleo familiar atualmente criado a compreensão que instituição escolar deve assumir funções de formação de valores, condutas e até de desenvolvimento emocional criam conflitos que são evidentes e que são criados por muitas incompreensões em relação ao papel e as responsabilidades de cada um na orientação dos filhos.

Conforme indica Fraiman (2015, p. 295) da mesma forma que a escola não deve desistir de um aluno, não deve também desistir de sua família. Afinal ela é um fator significativo para o desenvolvimento da criança e do adolescente. É fundamental levar informações para

os pais, bem como orientá-los, pois, muitas vezes não sabem o que fazer com as informações dadas pelos professores como por exemplo “Seu filho não está aprendendo”, “Seu filho não está ajudando” (Ibidem, p. 295), com isso se faz necessário a participação destes em grupos operativos, reuniões entre outras estratégias e eventos, onde poderão fazer colocações, relatos, fatos e buscar orientações para ações que não estão sendo eficazes.

De acordo com o autor a família deve ser estimulada e informada sobre a importância de vários assuntos que compreendem a Educação, principalmente ao que abrange a importância do brincar, do autoconhecimento, da descoberta, do aprender no intuito de ajudá-los a obter novos conhecimentos e habilidades.

Segundo Fraiman (2015, p. 300) “os pais e responsáveis

podem ser agrupados em diferentes perfis de acordo com sua atitude em relação à formação do projeto de vida de seu filho”, eis no quadro alguns perfis que po-

demos elencar:

Participativos	Autoritários	Permissivos	Negligentes
São os pais e responsáveis aqueles que estão presentes em quase todos os eventos que ocorre na vida do filho, além da participação ativa na vida escolar o que leva os filhos a se envolverem em boas habilidades sociais	São aqueles que são rígidos e não se envolvem muito na vida escolar dos filhos e demonstram opiniões fortes sobre o mundo, o que pode levar com que os filhos se tornam depressivos.	São os que permitem que os filhos realizem as atividades sem muita pressão, deixando-os à vontade, não os estimulando, gerando filhos com boas habilidades sociais.	São os pais e responsáveis que não se envolvem nas atividades, principalmente os escolares e se mantém distante dos filhos, o que pode gerar filhos estressados e com depressão.

Contudo, se faz necessário atribuir as famílias informações e orientações necessários ao diálogo que propiciem a segurança e estabilidade.

Adquirindo conhecimentos e informações para a educação dos filhos

Segundo Mefcardi (2009) a interação entre pais e

filhos e o modelo que eles fornecem são elementos fundamentais para formação de comportamentos de um indivíduo e no desenvolvimento de valores e conduta de cada pessoa.

De acordo com o autor diante de tantas dificuldades é possível perceber a importância existente num trabalho voltado a orientar os pais sobre as maneiras de interagir melhor com seus rebentos e de empregar medidas educativas, no sentido de ajudar a criança a se tornar um adulto capaz de lidar com o mundo que a espera.

Dessa forma, é importante, propor aos pais e responsáveis o desafio de modificar, o próprio comportamento para promover a mudança e aquisição e novos conhecimentos para os caminhos de educar seus filhos.

Para Peres¹ (2017, p. 46)

a participação das famílias e o cuidado com o filho é muito importante para o desenvolvimento e formação do indivíduo. Nesse caminho, eles podem estimular seus filhos de variadas maneiras e consolidar neles o entendimento da sabedoria sobre o lado prático da vida, mostrando como as coisas funcionam e na resolução de problemas e estimule o olhar sobre as coisas para terem capacidade de resolverem problemas e sejam estimulados o lado simples do cotidiano.

De acordo com Riviere (1988) para que o grupo operativo, possa ser significativo para os pais é importante, ressaltar algumas estratégias em que as famílias possam adquirir bons conhecimentos e mudanças de

1 Diretora do Comunidade Educativa - Cedac, organização não governamental que atua na formação e professores

comportamento como manter o diálogo positivo do grupo e, também da escuta desses pais e propiciar uma comunicação agradável, elegante, inteligível, organizada e útil.

Assim a família é a primeira sociedade pela qual se convive e que se leva por toda a vida, portanto, base para a formação de qualquer ser social, pois é em tal convívio que se aprende a respeitar, a ter disciplina, administrar conflitos e principalmente entender e colocar em prática o que é amar.

COMO O ASPECTO PSICOLÓGICO PODE AFETAR A APRENDIZAGEM ESCOLAR.

A aprendizagem envolve uma junção de fatores contextuais e internos do aluno que podem favorecer como afetar de

maneira negativa o processo do aprender, principalmente o psicológico.

A escola não é apenas um ambiente para a aprendizagem formal e processual, mas também uma rica fonte de experiências emocionais e sociais para os alunos. Nessa realidade a interação criadas e recriadas pelos alunos com seus pais, professores podem fortalecer o processo cognitivo.

Weiss (1992) analisa o fracasso escolar a partir de três perspectivas: sociedade, escola e sujeito. A primeira, segundo o autor, relaciona-se com as condições e as relações sociais, políticas e econômicas. A segunda remete à análise da instituição escolar quanto a qualidade de ensino, a metodologia, avaliação dentre outros aspectos que envolvem essa realidade. A terceira perspectiva se refere às con-

dições individuais e internas do sujeito aprendiz, como algo que está mal no seu pensar, na sua expressão, na sua ação/interação sobre e com o mundo.

De acordo com o autor dentre as três perspectivas citadas acima, a que mais se destaca é a emocional, pois de acordo com pesquisas realizadas em escolas do Brasil, é a que mais afeta e perturba a aprendizagem do sujeito. Piaget propõe em seus estudos que sejam considerados os aspectos afetivos em todos os atos inteligentes, e que a cognição e as emoções são componentes importantes para que o indivíduo possa aprender.

Nesse sentido, Weiss (1992) afirma que as crianças com problemas emocionais manifestaram também sintomas de ansiedade, tendência ao retardamento e dificuldade de relacionamento com os demais colegas,

além de um autoconceito negativo.

Assim, o grupo operativo pode fornecer através da escuta e técnicas adequadas a motivação necessária aos pais para que estes conduzam aos filhos toda a ação e satisfação recebida no grupo. Uma vez que a motivação caracteriza-se por um processo que mobiliza o organismo para ação, possui uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a questão problema e os autores pesquisados podemos pensar em uma educação, que reforçada com a participação de pais e responsáveis se apresenta como o primeiro passo para melhorar o grau de informação para que todos, pais e educadores, consigam estabele-

cer diálogos que propiciem uma melhor aprendizagem para o futuro dos alunos.

Portando com o presente trabalho temos a perspectiva de demonstrar como o grupo em um contexto escolar pode reconstruir, criar e recriar novos significados e vivenciar fatos através da troca para a fortalecimento na criação por parte dos pais dos filhos em um mundo carregado de novos desafios. A dificuldade que os pais estão encontrando em manter a educação dos filhos no mundo contendo muitas informações faz com que eles criem uma insegurança ao educá-los e muitas vezes uma permissividade que vão além dos limites necessários, por isso a ideia de se trabalhar com grupos operativos com intuito de contribuir para a troca de informações e aprendizados.

Nesse sentido, pode constatar que a aprendizagem construída nos processos grupais pode criar espaços de elaboração e reelaboração do conhecimento e, ao mesmo tempo, pode abrir caminhos para a interação que estavam bloqueados pelos silêncios não partilhados. Promovendo assim, uma aprendizagem que nosso estudo, possa abrir espaços para uma nova relação entre os pais e seus filhos.

Introduzir um grupo operativo para pais, talvez crie uma resistência no início, mas a partir da interação entre eles, e com a intervenção do psicopedagogo faria com que esse trabalho pudesse ser significativo e relevante para os pais e responsáveis fazendo a diferença no convívio familiar e assim na aprendizagem escolar

REFERÊNCIAS

- AULLETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em: 01 jun. 2018.
- BARBOSA, Laura Monte Ser-rat. Psicopedagogia em grupo, no grupo e com o grupo: para além da patologização. Rev. Psicopedagogia, Curitiba, 26(80): 325-36, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v26n80/v26n80a17.pdf>> Acesso em: 28 jul. 2018.
- BASTOS, Alice Beatriz B. Izi-que. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon- Rivière e Henri Wallon, Psicólogo infor-mação, ano 14, n, 14 jan./dez. 2010.
- BLEGER, José. Temas de psico-logia: entrevista e grupos. Trad. Rita M. de Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- CAMARGO, Paulo de. Discutin-do a relação. Revista Educação, São Paulo, n. 201, jan. 2014.
- DAVIS, Claudia Leme Ferreira; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; RIBEIRO, Marilda Pierro de Oliveira; RACHMAN, Vivian Carla Bobm. Abordagens vigo-tiskiana, walloniana e piagetia-na: diferentes olhares para a sala de aula. Psicologia da Educação, São Paulo, 34, 1º sem., 2012.
- FERRAZ, A. F. Grupos ope-rativos de aprendizagem nos serviços de saúde: sistemati-zação de fundamentos e me-todologias. EANRE, 11(1); 52 -57, mar-2007. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/21731285-Grupos-operativos-de-aprendizagem-nos-servi->

cos-de-saude-sistematizacao-de-fundamentos-e-metodologias.html> Acesso em: 02 jun. 2018.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. *Educar*, Curitiba, n. 36, 2010.

FRAIMAN, Leo. Como ensinar bem as crianças e os adolescentes de hoje: teoria e prática. São Paulo: Metodologia OPEE, 2015.

INGBERMAN, Yara K.. Análise Funcional de um caso de depressão. In: RANGÉ, Bernard (org.). *Psicoterapia Comportamental e cognitiva*. 2. ed. São Paulo: Editorial Psy, 2001.

MORAES, C. G. A.; MURARI, S. C. A intervenção clínica em grupo de crianças filhas de pais

separados. In: E. F. M. Silveiras (Org.), vol.1,pp.175-198).São Paulo: Papyrus, 2000.

OSÓRIO, LC. Grupos, teorias e práticas: acessando a era da grupalidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PEREIRA, Thais Thomé Seni Oliveira. PICHON-RIVIÈRE, A DIALÉTICA E OS GRUPOS OPERATIVOS: implicações para pesquisa e intervenção. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo *Revista da SPAGESP*, 14(1), 21-29, 2013.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. São Paulo (SP): Martins Fontes; 1998.

ROZEKA, Marlene;SERRA, Rodrigo Giacobbo. Dificuldades de aprendizagem e problemas

Alegre: Artes Médicas, 1992.

emocionais: reflexões sobre a necessidade de uma proposta de formação docente. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 167-184, jan.-jun. 2015. Disponível em: <repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8783/2/Dificuldades_de_aprendizagem_e_problemas_emocionais_reflexoes_sobre_a_necessidade_de_uma_proposta_de_formacao_docente.pdf> Acesso em: 21 jul. 2018.

TABILE, FröhlichTabile; JACOMETO, Marisa Claudia Durante. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. Rev. Psicopedagogia, 34(103), 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n103/08.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2018.

WEISS, Maria Lucia Lemme. Psicopedagogia clínica. Porto